

economia

Ao menos 170 municípios do RS enfrentam falta de diesel

Famurs prevê possível piora do cenário das cidades nos próximos dias

/ COMBUSTÍVEIS

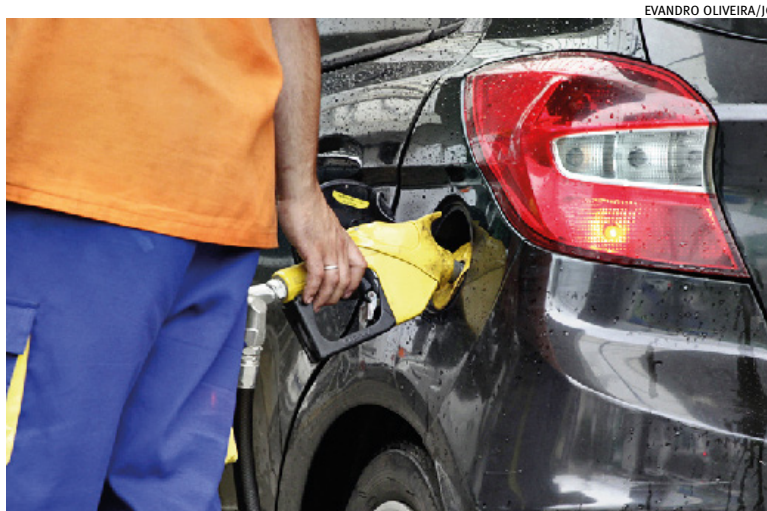
Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

A crise no abastecimento de diesel no Rio Grande do Sul já atinge ao menos 170 municípios, segundo levantamento da Federação das Associações de Municípios do Estado (Famurs). Os dados, atualizados na manhã desta quinta-feira, mostram que 43% das 392 cidades que responderam à pesquisa relatam falta de combustível ou dificuldades no abastecimento, cenário que já impacta serviços públicos e acende alerta para a safra agrícola.

A situação, que começou como um problema pontual de oferta, evoluiu rapidamente e passou a exigir medidas emergenciais de gestão nos municípios. Prefeitos têm sido orientados a priorizar serviços essenciais, como saúde e transporte escolar, diante da redução dos estoques e da incerteza sobre a reposição.

“O que mais preocupa é que estamos identificando um crescimento constante nesta lista de municípios afetados”, relata a presidente da Famurs e prefeita de Nonoai, Adriane Perin de Oliveira. Segundo ela, mesmo com medidas de contenção, os estoques atuais podem durar, em média, até 15 dias.

Na prática, isso significa uma reorganização forçada da máquina pública. “Cada prefeito está sendo orientado a avaliar seus estoques e definir prioridades.



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Cenário levou ao menos quatro cidades a adotarem estado de emergência

Porque, no fim, quem sente é a população”, diz.

O levantamento mostra que o problema é disseminado em diferentes regiões do Estado, com maior intensidade na região Central, Missões, Norte e Alto Uruguai - áreas mais dependentes de logística rodoviária e mais expostas a falhas na distribuição.

O agravamento do cenário já levou ao menos quatro municípios a decretarem situação de emergência. Formigueiro, Tupanciretã, São Sepé e Júlio de Castilhos, todos no Centro do Estado, adotaram medidas excepcionais nos últimos dias para garantir a continuidade dos serviços públicos.

De acordo com Adriane, o número de municípios em situação crítica tende a crescer. “É um cenário que não é isolado, ele se repete em todos esses 170 municípios que enfrentam dificulda-

des”, afirma.

Por outro lado, a crise vem tendo impacto desigual dentro do Estado: municípios mais distantes dos grandes centros, e mais dependentes de cadeias logísticas longas, são os primeiros a sentir os efeitos.

Conforme a Famurs, enquanto regiões próximas à Capital ainda conseguem manter o abastecimento mínimo, o interior já enfrenta racionamento, atrasos e incerteza sobre novas entregas.

Além da falta do produto, há pressão sobre os preços. “Há relatos de diesel sendo vendido acima de R\$ 8,69. E isso gera outro problema: contratos com serviços terceirizados começam a pedir reequilíbrio”, diz Adriane. Esse movimento, explica, pressiona ainda mais os cofres públicos, já que muitos municípios não têm margem orçamentária para absorver reajustes inesperados.

Impacto sobre o setor agropecuário gera apreensão

O impacto mais imediato, hoje, recai sobre o setor agropecuário. Isso porque a crise ocorre em pleno período de colheita, especialmente de arroz e soja, o que amplia o risco econômico.

Prefeito de Formigueiro, Cristiano Cassol afirma que a situação já afeta diretamente a operação no campo. “Estamos no auge da colheita do arroz e, nos próximos dias, começa a da soja. Imagina ter a produção pronta e não conseguir colher por falta de combustível.”

Segundo ele, a prefeitura já reduziu em 50% as atividades das secretarias de Obras e Agricultura

para preservar diesel. Mesmo assim, não há perspectiva concreta de normalização. “O maior risco é a agricultura parar. Os produtores vêm de anos difíceis, com perdas por enchentes e estiagens. Agora, com a lavoura pronta, faltar combustível seria devastador”, afirma.

A preocupação não se limita à produção: sem diesel, conta, também fica comprometido o transporte da safra, o que pode gerar perdas, queda na qualidade dos grãos e impacto em toda a cadeia produtiva.

Diante do avanço da crise, a Famurs promete levar o tema ao

governo do Estado nos próximos dias. A entidade também pretende pressionar o governo federal, a Petrobras e a Agência Nacional do Petróleo (ANP) por medidas que garantam a regularização do abastecimento.

A reportagem procurou a ANP, mas não obteve retorno até a publicação. O cenário atual é resultado de uma combinação de fatores globais e internos. A escalada de tensões no Oriente Médio elevou o preço do petróleo e pressionou o mercado internacional de diesel, impactando diretamente países importadores como o Brasil.

ANP afirma que distribuidoras subiram preço do combustível

As fiscalizações sobre a alta abrupta do preço do diesel ocorrida entre o fim de fevereiro e início de março revelam que distribuidoras do combustível chegaram a vender o produto com alta de até R\$ 1,75 por litro, mesmo quando seus custos permaneceram estáveis ou até caíram no mesmo período.

A reportagem teve acesso a autos de infração que foram aplicados pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) em quatro distribuidoras, a Ipiranga, a ALE (Alesat), a SIM e a Nexta, as duas últimas controladas pelo Grupo Agenta. O trabalho realizado em parceria com a Secretaria Nacional do Consumidor (Senacon) e a Polícia Federal se concentrou no período de 24 de fevereiro a 19 de março. Procuradas, as empresas afirmam que os dados não refletem todas as variáveis que mexem com o valor repassado aos postos.

A Ipiranga foi alvo de duas autuações. Em Brasília, documentos colhidos pela fiscalização apontam que o custo do diesel pago pela empresa praticamente não se alterou nas semanas avaliadas, com alta de apenas R\$ 0,0019 por litro no diesel tipo S10 e até queda de R\$ 0,0399 no tipo S500. Os

preços repassados pela empresa, porém, subiram R\$ 0,8959 e R\$ 0,8170, respectivamente.

Na base da empresa em São Caetano do Sul (SP), o cenário se repetiu. O custo do diesel poderia ter caído R\$ 0,1171 por litro, acompanhando a redução do gasto registrado pela empresa. O valor que cobrou, no entanto, teve alta de R\$ 0,8825 por litro. Um dos casos mais extremos encontrados pela fiscalização, segundo os autos de infração, é da Nexta Distribuidora, controlada pelo Grupo Agenta. A empresa registrou aumento de apenas R\$ 0,0172 por litro no custo do diesel, mas elevou o preço de venda em R\$ 1,75 por litro no mesmo período. A SIM Distribuidora, que também é controlada pelo Grupo Agenta, apresentou documentos que apontam que o preço do diesel poderia ter caído R\$ 0,0726 por litro, acompanhando o custo que a empresa teve com o combustível. O preço que ela aplicou no mercado, porém, subiu R\$ 0,9012, ou seja, um aumento de margem de R\$ 0,97 por litro. Já na Alesat, dona da marca ALE, o custo do diesel para a empresa caiu R\$ 0,0186 por litro, enquanto o preço de venda que ela praticou subiu R\$ 1,1430 por litro.

Mercado leu corretamente indicação de corte de juros, diz Galípolo

/ CONJUNTURA

O presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, afirmou nesta quinta-feira que o mercado entendeu corretamente que a “calibragem” da política monetária indicada pelo Comitê de Política Monetária (Copom) se refere a um ciclo de cortes da Selic. “A calibragem é no sentido de cortes de juros”, frisou, durante coletiva sobre o Relatório de Política Monetária (RPM) do 1º trimestre de 2026.

Galípolo reforçou na sequência que a autoridade monetária tem uma barra mais alta para reagir aos dados “de maneira emotiva”. “A gente vem preferindo ganhar tempo para poder compreender os efeitos ao invés de reagir rapidamente a incorporação”, frisou o presidente do BC. “A função de quem está do lado de cá é botar a bola no chão, analisar e tentar tirar o que é ruído para entender o que é sinal.”

Galípolo disse ainda que nenhum dos membros do Copom chegou a sugerir um corte maior

do que 0,25 ponto percentual na Selic na última reunião do colegiado, em 18 de março. O comitê diminuiu os juros de 15% para 14,75%, em uma decisão unânime.

“O debate passava, primeiro, por uma discussão de se a gente entendia que o cenário havia mudado de maneira suficiente para mudar o guidance da reunião anterior. O entendimento geral foi de que não, de todos os diretores. A partir daí, cada diretor vai manifestando o seu voto, e foi uma manifestação de consenso, todos manifestando os 25 pontos-base”, disse o banqueiro central.

Em janeiro, o Copom já havia sinalizado que iria começar a reduzir a taxa Selic no encontro seguinte, de março. No entanto, depois da disparada dos preços do petróleo no mercado internacional, após os ataques de Estados Unidos e Israel contra o Irã e o consequente fechamento do estreito de Ormuz, a mediana do mercado, que antes indicava um corte de 0,50 ponto percentual, migrou para uma baixa de 0,25 ponto.